



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA LUIZA SANTORO HABIB

MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE UMA
ALFABETIZADORA

Rio de Janeiro

Julho, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA LUIZA SANTORO HABIB

MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE UMA
ALFABETIZADORA

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cerdas

Rio de Janeiro
Julho, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 06 dias do mês de agosto de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se às 13h30, em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: MÉTODO NATURAL DE ALFABETIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE UMA ALFABETIZADORA, de autoria da graduanda ANA LUIZA SANTORO HABIB, DRE 111343470, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelas professoras: Jussara Paschoalino, Rejane Amorim e Luciene Cerdas, esta na condição de orientadora e presidente da sessão. Às 13h30, a sessão foi aberta, convidando-se à candidata a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que a candidata dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, a presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia APROVADA, com a nota 9,0 (nove). A presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 14h30. E, para constar, eu, Luciene Cerdas, lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todos membros da Banca e o/a candidato(a).

Profa. Luciene Cerdas (orientadora)
Profa. Rejane Amorim
Profa. Jussara Paschoalino
Ana Luíza Santoro Habib (candidata)

Luciene Cerdas (SIAPE 2144272)

*Dedico este trabalho aos meus pais e minha irmã
que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços
para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. E
aos profissionais que lutam por uma educação
igualitária e de qualidade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e por ter me concedido a grande vitória de ingressar nessa instituição e por ter me permitido concluir, apesar de todas as dificuldades.

Aos meus pais, Ralf e Ana Beatriz, por todo o incentivo, apoio e compreensão ao longo desses anos. E meu muito obrigado por terem, desde cedo, me mostrado que os estudos e o conhecimento são nosso bem maior. Eu amo vocês.

A minha irmã, Ana Bianca, por, mesmo longe, nunca ter deixado de acreditar que seria possível e por sempre viver comigo os meus sonhos, com muito amor e apoio. Eu te amo muito, Sis!

Ao meu avô, Antônio, por sempre ter sido o maior modelo de dedicação e comprometimento. As minhas avós, Neusa e Lucia, (in memoriam), por todo o amor que sempre me deram, por serem exemplos de mulheres guerreiras, que eu tanto admiro, e por sempre demonstrarem de forma inigualável todo o orgulho que sentem.

As minhas amigas de curso, e da vida, Larissa Plantz, Isabel Lopes, Julia John e Beatriz Rocha que durante toda a graduação foram essenciais e por sempre de bom humor dizer: Você vai conseguir!

“Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como ‘escrever’ o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo” – Paulo Freire

RESUMO

Ao longo das últimas décadas a alfabetização vem sendo estudada sob diferentes olhares e perspectivas, e a compreensão sobre o que é ser alfabetizado passa pelo entendimento das demandas dos alunos frente à sociedade. Nesse contexto, esta monografia tem como objetivo compreender a alfabetização tendo como principal referência o Método Natural, a partir de uma pesquisa bibliográfica e da experiência da autora com essa metodologia. Apresenta-se um breve histórico dos métodos de alfabetização, bem como uma discussão sobre os conceitos de alfabetização e letramento a partir de autores como Maria do Rosário Mortatti e Magda Soares. Além disso, apresenta-se o Método Natural com base nos referenciais teóricos de sua criadora, Gilda Rizzo, e nas experiências da autora com esse método em sala de aula. Como resultado do presente estudo foi possível concluir que o método natural é eficaz para alfabetizar, porém tem como limitação a pouca ênfase nos processos de letramento no início da alfabetização. Assim como foi importante concluir que o professor tem papel fundamental dentro dos processos de ensino e aprendizagem nas diferentes metodologias.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Método Natural; Professor alfabetizador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	9
1.1 Métodos de Alfabetização: Um Breve Histórico	9
1.2 O Método Natural	13
1.3 Alfabetização e Letramento: O Olhar de Magda Soares	16
2. O MÉTODO NATURAL E A SUA FUNCIONALIDADE	18
2.1 Método Natural e a Rotina na Alfabetização	18
2.2 O Processo de Alfabetização no Método Natural	20
2.3 O Papel do Educador junto ao Método Natural	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Na graduação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nós, graduandos e graduandas, cursamos diversas disciplinas que envolvem as áreas para a formação de um profissional da educação. No ano que ingressei no curso a grade curricular comportava quarenta e cinco disciplinas obrigatórias, dentre elas a disciplina de Alfabetização e Letramento. Ao cursar essa disciplina ainda não tinha noção do quanto ela se tornaria importante na minha carreira. Foi quando comecei a fazer um estágio não obrigatório que me deparei com uma metodologia de alfabetização que havia sido abordada de forma sucinta na disciplina, o Método Natural.

Apreendi sobre o Método Natural de Alfabetização na prática, no cotidiano de uma sala de aula, o que me despertou o interesse em estudar e conhecer melhor a temática da alfabetização e suas possibilidades quanto às metodologias de ensino.

O presente estudo tem como objetivo discorrer sobre a alfabetização tendo como principal referência o Método Natural, a partir de bases bibliográficas e de minhas experiências com essa metodologia. Levando em consideração que na prática do método natural a criança aprende de diversas formas e com materiais diversificados como: rodinhas, brincadeiras e jogos, que servirão para estimular a leitura e a escrita, o trabalho trará a sua contribuição para o desenvolvimento e a formação de crianças durante o processo de alfabetização. Para isso será analisada qual a função do método e o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem.

Considerando que a criança passa por diversos processos em sua construção de ensino e aprendizagem cabe ao educador ter a sensibilidade e a compreensão das necessidades dos educandos e das possibilidades metodológicas para a alfabetização. Por isso compreender o que é alfabetizar, e o que é letrar, torna-se uma discussão necessária nesse trabalho. Questionamos a concepção de alfabetização na qual o Método Natural se baseia, bem como trazemos a discussão sobre o letramento, levando em conta os conhecimentos necessários para a formação da criança como leitora e escritora. Nesse sentido, ao longo da pesquisa serão apresentadas as contribuições da autora Magda Soares sobre a temática, e sobre o ato de alfabetizar e de letrar.

Nessa discussão também foram apresentadas vivências e experiências diárias sobre o Método Natural, sua funcionalidade, suas rotinas de trabalho, e os procedimentos para alfabetizar a partir do que é vivenciado dentro de sala.

Enfim, o trabalho de pesquisa abrange etapas que se complementaram. A primeira é uma pesquisa bibliográfica sobre o tema abordado, tendo como finalidade um embasamento teórico em autores que são pesquisadores do assunto. A segunda etapa mostrará o passo a passo do Método Natural no processo de pré-alfabetização exemplificado com imagens de práticas e dos resultados das atividades dos alunos, analisando-se a proposta dessa metodologia. Para finalizar o trabalho trará uma reflexão da importância do papel do professor dentro do método pesquisado.

Para um melhor entendimento, a pesquisa se dividiu em dois capítulos:

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: No primeiro capítulo foi feito um breve histórico dos métodos de alfabetização, analisando os métodos sintéticos e analíticos, assim como os mistos, incluindo nesse momento o Método Natural de Alfabetização e para melhor compreendê-lo foi feita uma apresentação de suas bases teóricas.

O MÉTODO NATURAL E A SUA FUNCIONALIDADE: Neste capítulo foi realizado um aprofundamento sobre o Método Natural. Foi descrito como é a rotina dentro do método e feito uma análise de como ocorre a alfabetização e a aprendizagem nessa metodologia, com uma visão mais detalhada do processo. Foram consideradas as práticas e vivências com registros de imagens de dentro de sala, junto às colocações da autora Gilda Rizzo, uma das idealizadoras desse método. Assim como foi abordado a importância das ações pedagógicas dos professores.

Por fim, apresenta-se os resultados do estudo a respeito do Método Natural, suas concepções teóricas e práticas de alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Considerando a temática da alfabetização e do letramento, propõe-se neste capítulo um breve histórico sobre os métodos de ensino, entre eles o Método Natural. Em seguida apresenta-se uma pequena contextualização do que é o Método Natural e seus objetivos, assim como a abordagem de Magda Soares sobre a alfabetização e o letramento.

1.1 Métodos de Alfabetização: Um Breve Histórico

Método é uma palavra derivada do grego, ‘methodos’, significando, caminho ou via, ou seja, refere-se ao meio que será utilizado para chegar a um fim. Na alfabetização, o método causa uma reflexão de pensamentos, pois proporciona caminhos a serem seguidos para o alcance da aprendizagem, portanto é preciso compreender que existem diversas possibilidades para na organização desse processo.

Para compreender a alfabetização na contemporaneidade é preciso fazer uma abordagem histórica dos métodos de alfabetização e na visão de Mendonça (2011), a história da alfabetização pode ser dividida em quatro períodos.

(...) o primeiro inclui a Antiguidade e a Idade Média, quando predominou o método da soletração; o segundo teve início pela reação contra o método da soletração, (...) caracterizando-se pela criação de novos métodos sintéticos e analíticos; e o terceiro período, (...) iniciou em meados da década de 1980 com a divulgação da teoria da Psico-gênese da língua escrita. (...) o quarto período, o da “reinvenção da alfabetização”, que surgiu em decorrência do fracasso da utilização de práticas “equivocadas e inadequadas”, derivadas de tentativas de aplicação da teoria construtivista à alfabetização. (p. 23-24)

O primeiro método conhecido, utilizado na Antiguidade e na Idade Média, foi o da soletração, também conhecido como alfabético, que se baseava em decorar o nome das letras do alfabeto grego para depois ser apresentada a forma gráfica das letras, fazendo com que a criança tivesse que associar a grafia ao som, anteriormente decorado.

Em reação às dificuldades apresentadas pelo método da soletração, pensadores começam a buscar formas mais simples de alfabetizar, criando assim novos métodos sintéticos. O primeiro deles foi o método fônico, segundo Mendonça (2011, p. 25):

A partir do século XVI, pensadores começam a manifestar-se contra o método da soletração, em função da sua dificuldade. Na Alemanha, Valentin Ickelsamer apresenta um método com base no som das letras de palavras conhecidas pelos alunos. Na França, Pascal reinventa o método da soletração: em lugar de ensinar o nome das letras (efe, eme, ele etc.)

ensinava o som (fê, lê, mê), na tentativa de facilitar a soletração. Em 1719, Vallange cria o denominado método fônico com o material chamado “figuras simbólicas”, cujo objetivo era mostrar palavras acentuando o som que se queria representar.

Vendo as dificuldades que o método fônico apresentava, foi pensado na França o método silábico, este apresentava as famílias silábicas a partir da união de uma consoante e uma vogal, quando a criança já dominava as famílias silábicas era apresentada a ela a união das sílabas para formar as palavras.

Segundo Mortatti (2006) esses métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”) foram utilizados no Brasil até o início da década de 1880 quando surge o “[...] “método da palavração” baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras.” (p. 34).

No Brasil, a partir de 1890 surge um novo método de ensino que foi considerado revolucionário, esse método ficou conhecido como método analítico e tinha como base que o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo” para depois serem analisadas as partes que constituíam esse todo. Diferentes abordagens podem ser consideradas como esse todo, alguns defensores do método usavam a palavra, outros a sentença ou a “historieta”. Mortatti (2006, p.36)

Iniciou-se, assim, uma acirrada disputa entre partidários do então considerado novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura e os que continuavam a defender e utilizar os tradicionais métodos sintéticos, especialmente o da silabação.

Compreendendo que os métodos sintéticos dificultavam a aprendizagem do aluno, pois eram formados por elementos abstratos, surge o método global que tem como premissa considerar a realidade do aprendiz, Mendonça (2011) apresenta a abordagem do autor Adams:

Adams acreditava que, considerando a realidade da criança, o processo de alfabetização ganharia significado, deixando de ser, portanto, tão complexo e abstrato. Ele parte da lógica de que, se as crianças aprendem a falar emitindo palavras inteiras e não pedaços delas, também aprenderão a ler e escrever com mais facilidade palavras com significado. Insistia-se que o professor deveria ficar o maior tempo possível na fase de exploração global de palavras, para só depois fazer a análise da palavra em sílabas. Esse autor reconhece ser de fundamental importância a decomposição da palavra em sílabas, bem como o seu estudo. (p.27)

Em meados da década de 1920, a resistência dos professores em relação aos métodos analíticos começa a aumentar, dessa forma surge uma busca por novas propostas para o

ensino e aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Aqueles que acreditavam na eficácia dos métodos analíticos continuam a utilizá-los.

No entanto, buscando conciliar os dois tipos básicos (sintéticos e analíticos) de métodos de ensino da leitura e escrita, em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes passaram a ser utilizados: métodos mistos ou ecléticos, considerados mais rápidos e eficientes, porque se caracterizavam pela mistura da marcha analítica e sintética. (MORTATTI, 2006, p. 37)

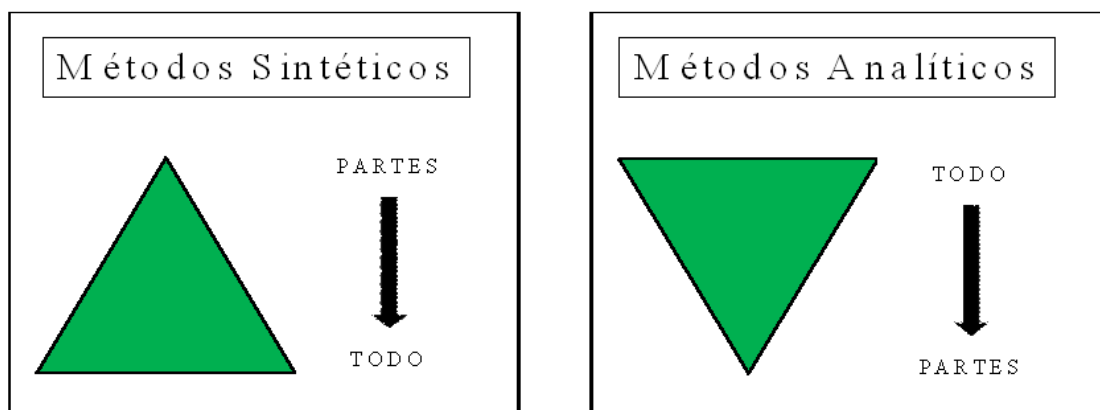
Apesar de ter sido idealizado aproximadamente nos anos de 1966, pela professora Heloisa Marinho e suas alunas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, o Método Natural de Alfabetização pode ser dado como exemplo de método misto (CARVALHO, 2005) já que une o método analítico da palavração e o método sintético fônico.

Logo, pensar sobre Métodos de Alfabetização é a busca para uma das direções no ato de alfabetizar e na formação do educando. Frade (2005) traz referências de autores como Magda Soares, Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard, que dizem que método de alfabetização pode significar:

- Um método específico, como o silábico, o fônico, o global;
- Um livro didático de alfabetização proposto por algum autor;
- Um conjunto de princípios teórico-procedimentais que organizem o trabalho pedagógico, nem sempre ligado a uma única teoria;
- Ou, um conjunto de saberes práticos e organizadores recriados pelo professor.

Considerando o que foi apresentado, os diversos métodos de alfabetização podem ser divididos em dois grandes grupos, que podem ser classificados como: os métodos sintéticos e os métodos analíticos. Os métodos sintéticos vão das partes para o todo, enquanto os métodos analíticos vão do todo para as partes.

Figura I – Métodos



Fonte: elaborado pela autora com base no artigo Percursos histórico nos métodos de avaliação (Mendonça, 2011, p.28)

O primeiro grupo abrange uma estratégia em que é preciso aprender a codificar e decodificar o sistema alfabético para depois compreender o texto. Dentro dessa colocação temos os métodos alfabético, fônico e silábico. Já o segundo, os métodos analíticos, rompem com esses princípios de decodificação sendo eles o da palavração, sentencição e historiados.

Cabe refletir, já que o método sintético irá da parte para o todo, ou seja, a aprendizagem por meio desses métodos leva à decodificação do sistema, estabelecendo relação entre fala e a sua representação escrita, conhecida como análise fonológica.

Os métodos sintéticos tem como centro o professor que detém o conhecimento, que tem o papel de ensinar o conteúdo, passar os exercícios, corrigir e seguir com a matéria, fazendo sempre o mesmo processo, tornando o ensino e a aprendizagem mecânicos. Esta metodologia tem como concepção de que a aula acontece apenas na sala, fazendo com que a aprendizagem aconteça por meio de repetições, memorização para que o aluno decore o conteúdo. Para Mizukami (1986, p.11)

(...) atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está 'adquirindo' conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal.

No processo de alfabetização dentro dos métodos sintéticos o aprendizado é feito de forma dividida e por partes, no qual primeiro o educando aprende as vogais para então formar sílabas chegando às palavras e frases e depois construir textos. Para que isso ocorra, é preciso dominar boa parte das famílias silábicas e todo o processo de formação de palavras. Outro fator é o uso de cartilhas prontas, que faz com que o aluno não tenha participação na construção do seu conhecimento. As cartilhas são produzidas em larga escala, para todas as escolas e crianças não levando em consideração o meio social e o conhecimento de mundo do aluno. Pouco é explorado de materiais diversificados, como: jornais, livros, músicas, histórias e, por vezes, a cartilha é o único material de trabalho e se dá mais valor para a quantidade de exercícios do que para a qualidade.

Por outro lado, nos métodos conhecidos como analíticos, a alfabetização acontece do todo para as partes, rompendo com a ideia de decodificação, é também priorizada a compreensão, além de trabalharem com diversos pressupostos, dentre eles: o aprendizado da escrita com significado para o educando e que a instituição de ensino acompanhe os interesses, a linguagem e o universo dos estudantes.

A partir dos anos 1980, com a busca para enfrentar o fracasso das escolas na alfabetização das crianças, chegam ao Brasil estudos realizados por Emília Ferreiro e Ana

Teberosky sobre uma nova abordagem de alfabetização, baseada no processo de aquisição da língua escrita, psicogênese da língua escrita. Segundo Mortatti (2000) essa nova abordagem passa a ser conhecida como construtivista.

Na concepção dessas educadoras era preciso abandonar as tradicionais cartilhas, não só porque seus textos não traziam significado para os alunos, mas principalmente porque nesse tipo de material a aprendizagem da leitura e escrita ficava reduzida ao domínio da técnica de transformar sons em letras, sem espaço para reflexão ou criação pelo sujeito. Segundo Mortatti (2006, p.39). “[...] o construtivismo se apresenta, *não como um método novo*, mas como uma ‘revolução conceitual’, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas.”

Sendo assim, dentre as tantas opções de métodos para a alfabetização, é preciso ressaltar que todos têm as suas funcionalidades e as suas limitações.

1.2 O Método Natural

O Método Natural de Alfabetização é pouco conhecido e não são muitas escolas que trabalham com ele, mas acredito que a escolha de utilizá-lo como base metodológica faz a diferença para o desenvolvimento do aluno. A minha experiência com esse método começou quando fui estagiar em um colégio particular na cidade do Rio de Janeiro que utilizava o método natural para alfabetizar. Como vivenciava a metodologia na prática meu interesse em entender os processos e teorias se aflorou.

O método natural busca respeitar o espaço da criança, por oferecer atividades e brincadeiras que fazem parte do contexto social em que ela vive, respeitando suas demandas e faixas etárias. Pode-se dizer que o principal objetivo é contribuir de forma significativa para que o educando possa colocar em prática aquilo que construiu. O método propõe um ambiente escolar que propicie as vivências e experiências do indivíduo e suas necessidades particulares, buscando incentivá-los em suas potencialidades por meio de estímulos diversificados. Rizzo (1988, p.24) discorre que:

A Escola Natural é uma escolha inteligente de pais que acreditam que seus filhos saiam mais fortalecidos e seguros pela apropriação do conhecimento construído por ele mesmo, do que se tivesse apenas memorizado e tem certeza que a democracia, assim como delicadeza, não se aprende decorando frases copiadas do quadro de giz, mas sim aprende vivendo democraticamente. São pais que desejam construir uma sociedade futura

efetivamente democrática composta por cidadãos democráticos, seus filhos, criados em regime democrático, dentro de sua sala, dentro do espaço escolar, inseridos no seu grupo. Pais que esperam isso da educação de seus filhos.

Na prática esses aspectos podem ser verificados nos momentos de rodinha, nas escolhas democráticas das palavras que serão estudadas e principalmente nas relações que são formadas, respeitando as individualidades. O fato de o aluno ser parte do processo de construção do seu conhecimento faz com que se torne um indivíduo questionador e crítico.

Compreende-se que nos primeiros anos de vida do educando são incorporados hábitos e valores, sendo assim vê-se, no método natural esta busca de formar cidadãos capazes de conviver em sociedade. Para Rizzo (1987, p. 27-28) podem ser destacados alguns objetivos como:

- Desenvolvimento da segurança afetiva básica;
- Desenvolvimento e domínio das habilidades psicomotoras;
- Desenvolvimento e domínio da convivência em grupo;
- Desenvolvimento de sentimentos de responsabilidade;
- Desenvolvimento e aquisição de julgamento crítico;
- Desenvolvimento e domínio da leitura como fonte de prazer e informação e da

escrita como meio de comunicação de ideias e registro de informações.

O Método Natural de Alfabetização foi difundido no Brasil pela autora Gilda Rizzo e suas colegas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, junto da professora Heloisa Marinho, a fim de promover uma sequência natural de transformações que acontecem com educando no processo de aquisição do sistema de leitura e da escrita.

Nos estudos feitos para realizar o presente trabalho me deparei com o “Método Natural” de Célestin Freinet e apesar de não ter encontrado referências concretas de que Marinho e suas alunas tiveram o francês como base para desenvolver o método proposto no Brasil é inevitável fazer a relação.

Freinet (1977) defende o aprendizado da língua como um processo natural que acontece por meio de tentativas experimentais, e vai evoluindo, se aprimorando para chegar a aquisição da linguagem. O processo da escrita para o autor é um “utensílio necessário” para exprimir pensamentos, assim como a “palavra oral”. Logo, no método natural a transformação da palavra oral para a palavra escrita se faz naturalmente.

Para Freinet (1977) a criança vê o todo, para depois ver as partes que compõem esse todo, sendo importante o estímulo à reflexão, à criatividade e ao trabalho para que dessa forma haja uma percepção da necessidade do outro como parte do processo. É também por

meio do desenho livre e da escrita livre que a criança desenvolve sua capacidade motora, cria suas próprias hipóteses do que pode melhorar buscando realizar novas tentativas de aprimoramento, pois a cada tentativa surge uma semelhança maior em relação à palavra ou ao desenho que antes foi observado ou representado.

Enfim, o método natural pressupõe que é através do contato da criança com a escrita, interagindo com as histórias, desenhos e textos, e tentando desenhar e escrever que o sujeito irá se familiarizar com o processo de leitura e escrita.

O método natural, aplicado na alfabetização, sobre o qual a pesquisa vem discorrer, é aquele que propõe um desenvolvimento de forma gradual e apropriado para cada indivíduo. Para Rizzo (1988, p.33):

O Método Natural de Alfabetização consiste na aplicação de uma série de estímulos, que visam à reprodução de sequência natural de aprendizagem da leitura e da escrita do ser humano e levam-no a adquirir a leitura como fonte de lazer e informação e a dominar a escrita como meio de expressar seu pensamento.

Portanto, o Método Natural, em suas raízes, busca uma relação de troca entre professores e alunos, no qual o professor é o mediador no processo educativo e não somente o detentor do conhecimento. Freinet retrata que seria por meio das trocas e das imitações, ou com seu meio e nas interações com outras crianças e adultos, que o sujeito se desenvolve, vivendo experiências. Dessa forma, explica que o Método Natural consiste em desenhos livres, escrita livre, valorizando e permitindo que a criança se expresse de modo espontâneo, tendo sua relação de forma natural. Então para Freinet (1977, p.23):

Deixamos a criança desenhar livremente desde a mais tenra idade, a partir dos dois ou três anos. Vemos o lápis começar por mover-se ao acaso sobre a folha. Depois surge uma semelhança, nasce o primeiro êxito, que a criança repetirá até ao automatismo. Seguir-se-ão outras tentativas, obter-se-ão outros êxitos, as tentativas falhadas serão automaticamente abandonadas... os gestos das crianças não são gratuitos. Seguem planos experimentais. Tem uma finalidade... Mas- e isto é essencial- a criança não copia. Não aproveita a experiência alheia para justapô-la a sua própria experiência. Apodera-se dela assimilando-a, inserindo-a e integrando-a no seu processo de trabalho e de vida até por vezes lhe conferir um cunho original. [...] é escrevendo que a criança aprende a ler e a escrever [...] é desenhando que a criança aprende a desenhar.

Um ponto importante sobre a metodologia natural é que todo o material produzido é feito pelas crianças, principalmente as ilustrações. O método é estimulante nesse sentido, já

que nada é pronto, fazendo com que a criança se sinta fazendo parte do aprendizado e da construção. Pela minha experiência no uso do método essa participação das crianças na produção dos materiais faz com eles se sintam estimulados, desafiados e animados em ver suas produções expostas.

1.3 Alfabetização e Letramento: o olhar de Magda Soares

Como referência na alfabetização e letramento, pretende-se apresentar a visão de Magda Soares sobre a aprendizagem da língua escrita, já que a autora aponta dois processos complementares: a alfabetização e o letramento. Ela diz que é importante perceber a alfabetização não sendo somente um processo de codificação e decodificação do sistema, o qual levará a criança a dominar a língua escrita, mas sim a função social que essa aquisição ocupa. A aprendizagem das funções sociais da língua escrita é o letramento, no olhar de Soares (1999, p.5)

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem literate em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna alfabetizada - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna letrada - é diferente de uma pessoa que ou não sabe ler e escrever - é analfabeta - ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

A alfabetização, segundo Magda Soares (2017), é mais que transformar sons em letras e letras em sons, envolve aprender a produzir texto, ler e compreender o que está lendo, a ajustar o texto que escreve pensando no seu leitor e no contexto em que escreve, sabendo identificar diferentes gêneros de textos.

A alfabetização e o letramento são ações distintas, específicas, com bases cognitivas e linguísticas, mas que durante o desenvolvimento da aprendizagem da língua escrita elas devem ser complementares, atuando simultaneamente, a criança se alfabetiza em um contexto de letramento.

Apesar de ser um conceito ainda recente, percebe-se que educadores e o sistema educacional caminham para a compreensão do termo “letramento” no ensino, contribuindo na formação do sujeito de forma que o indivíduo desenvolva gosto pela leitura e pela escrita, fazendo com que este se torne membro atuante das práticas sociais, pois esta é a função do letramento associado à alfabetização, para Soares (2004, p. 16):

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Segundo o dicionário Aurélio, letrado é aquele “versado em letras, erudito”, enquanto que iletrado é “aquele que não tem conhecimentos literários” e também o “analfabeto ou quase analfabeto.

Relacionando o que Soares apresenta sobre alfabetizar ao método natural, pode-se dizer que cada criança tem seu tempo de aprendizado e de construção de saberes, mas é importante compreender o mínimo necessário sobre as relações fonemas e grafemas.

Sobre o método natural no próximo capítulo, vamos analisar como é feito o processo de alfabetização buscando compreender como se dá o processo de aprendizagem da leitura e escrita na perspectiva da pré-alfabetização e alfabetização.

MÉTODO NATURAL E A SUA FUNCIONALIDADE

O presente capítulo, tendo como base as referências da autora Gilda Rizzo (1986,1987 e 1988), tem como objetivo compreender como se dá o processo de alfabetização no Método Natural, sendo o aluno o protagonista, visando e explorando o passo a passo metodológico, que é apresentado pela autora, além de explorar a rotina e sua importância para as crianças.

As práticas de alfabetização apresentadas a seguir também estão baseadas na minha prática, buscando compreender a importância das ações pedagógicas e do papel do professor, junto ao Método Natural.

2.1 Método Natural e a Rotina na Alfabetização

A criança de cinco a sete anos, de acordo com o método natural, faz uso de algumas atividades de organização que são necessárias na apropriação da metodologia, sendo uma dessas a rotina, que tem como propósito sistematizar um processo, dessa forma é possível compreender que uma rotina escolar tem como objetivo organizar o tempo que o aluno passa dentro daquele ambiente.

A rotina deve ser um guia, um caminho a ser seguido na realização de algumas atividades que se repetirão todos os dias, tal como: a chegada, a rodinha inicial, o lanche, o parquinho e a saída. A sistematização da rotina diária com os alunos se faz necessária para que as crianças se sintam seguras quanto ao que será feito durante o dia e para se manterem organizadas quanto ao tempo que passarão no ambiente escolar. Por isso Rizzo (1987, p. 37) aponta ser aconselhável:

(...) destinar um tempo razoável para o grupo, levando em conta as idades das crianças e mantê-lo constante durante o período escolar, fazendo alterações se necessárias, é claro, mas procurando manter uma rotina de trabalho porque isso faz com que a criança domine, gradativamente, a noção de tempo, o que é essencial para aprender a organizar-se em função dele (tempo) e seu trabalho.

As rotinas dentro das salas de uma escola que se trabalha com o método natural são similares, respeitando o nível de desenvolvimento de cada etapa. Nas turmas de pré-escola e alfabetização, a rotina se inicia com a chegada dos alunos. Ao chegarem as suas salas de aula, organizam suas próprias coisas (mochila, lancheira, agenda), esse primeiro momento tem como principal objetivo estimular a autonomia das crianças. Em seguida, sentam-se em uma rodinha, orientadas pela professora. Assim, que todos se organizaram e se juntaram à

professora, esta começa a roda com uma canção de “boa tarde” e ali conversam sobre como estão se sentindo naquele dia, se algum colega tem alguma novidade para compartilhar e é, nesse momento, que irão montar a rotina diária.

As rodinhas são muito utilizadas dentro dessa metodologia, pois é trabalhada a oralidade e há um estímulo para que as crianças se expressem na vida de maneira a respeitar o próximo, além de aproximar o professor do aluno. Ainda dentro dessa rodinha inicial, é possível debater sobre os dias da semana, introduzindo uma sequência cronológica e explorar o hoje, o ontem e o amanhã, assim como as sequências numéricas e os meses do ano. Neste momento dando continuidade com o calendário, é aproveitado para instigar os alunos a identificarem como está o tempo, com o que é chamado de janelinha.

Em seguida, é o momento da Chamadinha, sendo exposto o nome de cada aluno, colocando como foco o som da primeira letra de cada nome. Nas turmas de pré-escola e alfabetização, as crianças já reconhecem seu nome e dos colegas. Rizzo (1986, p.54) aponta que:

O conhecimento da forma escrita do próprio nome tem um interesse considerável de todos os indivíduos. A curiosidade que as crianças demonstram pela forma escrita de seus nomes é intensa e esse fenômeno também pode ser constatado dentre os adultos analfabetos. Em ambos os casos há evidente interesse em aprender a reproduzir a forma gráfica do próprio nome. Um analfabeto não pode ignorar esse sentimento espontâneo e deve tirar dele o maior proveito, criando recursos simples, mas que ponham os alunos em contato direto com seus nomes.

No momento da chamadinha, cabe ao professor propor brincadeiras que estimulem esse reconhecimento tanto da forma escrita, quanto do som das letras iniciais.

Dentro deste método existem as atividades diversificadas que acontecem em todas as etapas, podendo variar de acordo com as turmas e suas particularidades. As atividades diversificadas são as atividades, jogos ou brincadeiras, que estarão dispostos para executarem naquele momento. Digamos que em uma mesa a professora fica mediando uma atividade de matemática, em outra mesa tem um jogo de lego, em outra a massinha e o cantinho da leitura também está disponível.

Os temas a serem trabalhados semanalmente podem ser variados e abranger diferentes áreas do conhecimento, que normalmente são pré-definidas pelos professores e coordenadoras, seguindo o planejamento anual e seus conteúdos. Por exemplo, em abril trabalhamos o dia do livro, em maio abordamos o tema família, em junho conversamos sobre os festejos juninos e assim por diante ao longo do ano. Porém, o método natural possibilita liberdade quanto à curiosidade e necessidade de cada grupo, podendo assim surgir um tema

específico em certa turma vindo da demanda daquele grupo.

Por isso, a partir da temática a ser trabalhada, as atividades diversificadas são construídas de forma lúdica e é importante ressaltar que são realizadas atividades coletivas e individuais. As atividades diversificadas geralmente são divididas em atividades com jogos que promovem a leitura e escrita, os jogos motores e ou jogos cognitivos e desenho livre, incentivando a criatividade e imaginação, lembrando que é neste momento que a criança tem livre poder de escolha. Para Rizzo (1986, p.32):

O trabalho diversificado livre se caracteriza exatamente pela organização de um meio ambiente educativo tal, cuja dinâmica ofereça condições de atendimento as necessidades de ordem física, social e emocional dos alunos e estímulo ao seu desenvolvimento integral, tomando-os como agentes e pacientes de todo o processo de aprendizagem.

O trabalho diversificado livre dentro desse método, tem como objetivo dar autonomia despertando a responsabilidade e necessidade do educando, cabendo ao professor fazer os acordos necessários para que a criança compreenda que é preciso passar em todas as atividades propostas. O trabalho diversificado é um ponto forte no método natural, pois enquanto a turma realiza as diversas atividades, o professor consegue dar atenção a cada criança, focando na sua necessidade individual, potencializando o seu aprendizado e explorando as suas capacidades.

2.2 O Processo de Alfabetização no Método Natural

Como foi anteriormente citado, o Método Natural de Alfabetização que foi difundido no Brasil por Gilda Rizzo e suas colegas, pode ser enquadrado no chamado método misto, já que conciliou o método analítico da palavrção e o sintético fônico.

Assim como Freinet (1977) acreditava que a criança vê do todo para as partes, o método natural nos traz essa visão de que a criança percebe o macro para então perceber os micros, logo essa visão globalizada do mundo pode ocorrer também em relação às palavras. Portanto, como primeiro passo da metodologia natural de alfabetização são estudadas palavras, que formarão o Vocabulário Básico. Concomitante ao estudo das palavras é feita uma sistematização dos sons iniciais de cada uma delas, logo a importância do método fônico para a compreensão dos fonemas e suas representatividades.

Heloisa Marinho pretendeu conciliar as vantagens dos métodos globais –

“formação de habilidades de leitura inteligente” – com as dos métodos fônicos que dirigem a atenção da criança para a dimensão sonora da língua, habilitando-a a decodificar (ler) e codificar (escrever) palavras novas. (CARVALHO, 2005, p. 42)

Segundo Carvalho (2005), Marinho também rompe com os materiais didáticos tradicionais, como o uso das cartilhas previamente prontas, a autora propõe o uso de atividades apresentadas em folhas soltas, que reunidas formariam o pré-livro. Gilda Rizzo formalizou esse pré-livro que é utilizado nas turmas de pré-alfabetização. Esse livro é um facilitador para a sistematização da escolaridade. O livro vem todo em branco e vai ser construído junto com as crianças, fazendo com que elas se sintam parte do processo e que a aprendizagem seja significativa. Esse livro é utilizado ao longo do ano da pré-alfabetização e nele são feitas atividades de fixação das palavras e das ações. Em um primeiro momento quem escreve no livro é o professor e a criança faz as ilustrações. No segundo momento já é a criança que escreve no seu livro, formando frases e textos.

O pré-livro é o material didático proposto pela autora Gilda Rizzo, mas por não ser um material que vem pronto de fábrica ele é bem flexível quanto a seu uso e suas possibilidades de propostas. No final do ano o aluno tem um livro que foi todo produzido por ele.

Figura II – Pré-Livro



Fonte: acervo pessoal da autora

Para o Método Natural de Alfabetização, a primeira fase do processo de alfabetização é chamada de pré-leitura e acontece quando a criança inicia o seu contato com a língua escrita, ou seja, quando ela se interessa de alguma forma pela leitura e a escrita, não necessariamente essa fase se inicia no contato com a escola. Esse interesse pode surgir em uma contação de história, ou na descoberta pela escrita do nome, surgindo a curiosidade ao

ver o professor escrever bilhetes, dessa maneira o professor instiga a criança a se interessar pela leitura e pela escrita.

É muito importante que nesse primeiro momento de descoberta a criança seja exposta a diferentes tipos de literatura, cabendo ao educador o uso diário de leituras, envolvendo o tema que está sendo trabalhado ou algum que desperte o grupo. Uma das ferramentas de que se faz uso é a chamadinha, entendida como necessária, pois é nesse momento que a criança terá contato com o seu nome e com o nome dos colegas.

É importante, também que desde cedo o aluno tenha a oportunidade de ver a professora escrevendo para que perceba que a linguagem escrita tem uma função social e de comunicação.

Uma próxima etapa do processo de alfabetização no método natural é a construção do ‘Vocabulário Básico’. As palavras que irão compor o vocabulário básico da turma são escolhidas pelos próprios alunos de forma coletiva, ou seja, sua escolha é realizada por meio de votação, e são sempre ligadas à realidade das crianças, a fatos ou experiências geradoras, dando significado a esse estudo.

Uma vez escolhida a palavra, é hora de fazer o estudo dela, nesse momento o professor, que tem um papel de mediador do conhecimento, sentado com as crianças em uma roda, escreve a palavra escolhida e as crianças fazem o relato do que sabem sobre ela, cabendo ao professor o registro escrito das descrições que os educandos irão fornecer durante o desenvolvimento, esse processo é importante para que a criança compreenda que a sua fala se torna escrita.

Junto ao estudo da palavra, a metodologia tem como recurso o que é conhecido como cartão relâmpago, são fichas compostas por imagens que comecem com o mesmo som, fonema, da palavra que está sendo estudada. Tal como: ao estudarem a palavra *uva*, o professor apresenta os cartões com outras imagens que comecem com o fonema /u/, estimulando a consciência fonológica. Junto do uso dos cartões o professor pode explorar, oralmente, com os alunos outras palavras que iniciem com aquele som.

Figura III – Cartões relâmpago



Fonte: acervo pessoal da autora

O cartão relâmpago, também pode ser utilizado como jogo pedagógico, numa atividade diversificada. Exemplificando, podemos misturar várias imagens com sons diferentes. Junto dos alunos, faremos o reconhecimento das figuras, nomeando cada uma delas. Depois de feito isso é a vez do professor dar o comando pedindo que um dos alunos aponte a imagem que comece com o mesmo som (fonema) que ele falar. Existem muitas opções de brincadeiras para serem feitas com os cartões, é um material muito rico e versátil dentro da metodologia.

O vocabulário básico ou de apoio, como é conhecido dentro da metodologia, é formado com palavras iniciadas por todos os fonemas do alfabeto para que dessa forma a criança ‘conheça’ todas as variações da transformação de fonema em grafema. O vocabulário deve ter entre 35 e 40 palavras (substantivos e verbos), contendo as dificuldades ortográficas (rr, ss, lh, nh, ch, ç), e a criança deve aprender a reconhecer essas palavras globalmente, isoladas, em sentenças ou pequenos textos, qualquer que seja sua posição.

Nas turmas de pré-alfabetização, esse vocabulário é construído de forma gradual, lenta e prazerosa durante o primeiro semestre, dependendo do grupo se estendendo até agosto. Nas turmas de alfabetização essa construção é mais rápida, tendo a duração de dois meses, aproximadamente. Segue o modelo de como o vocabulário deverá ficar exposto na sala, servindo de apoio para a construção da escrita e da leitura com aplicação do método natural.

Figura VI - Vocabulário Básico

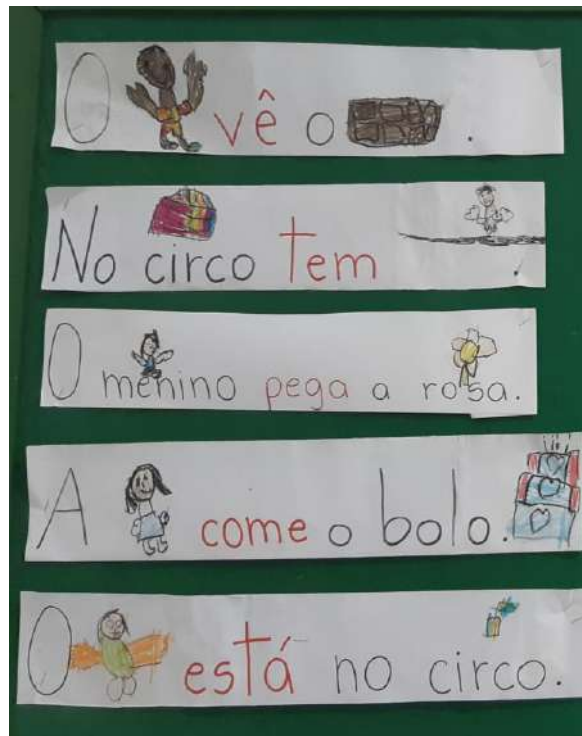


Fonte: acervo pessoal da autora

Da mesma forma que é feito o lançamento das palavras, a metodologia trabalha com as ações, que são os verbos na forma intransitiva e que ajudarão na construção das frases e na fixação das palavras. O lançamento do verbo é realizado dentro de um contexto e sempre em uma estrutura frasal, como exemplo: ao estudarem a palavra *bolo*, surgida de um contexto de comemoração pelo aniversário da escola, caberá ao professor questionar os alunos sobre o que poderá ser realizado com o bolo e dessa forma as ações irão aparecendo até ser escolhida uma para ser incorporada no vocabulário da turma.

Essa ação trabalhada junto ao bolo poderá servir para futuras construções de frases e pequenos textos, em conjunto com outras palavras do vocabulário da turma. Rizzo (1988, p. 62) aponta “No caso do lançamento do verbo, este deverá ser escrito em outra folha, dentro de uma frase dita pelos alunos. A folha também será fixada junto à palavra anterior. O verbo deverá ser escrito em letra vermelha para destacá-lo das outras palavras da frase”.

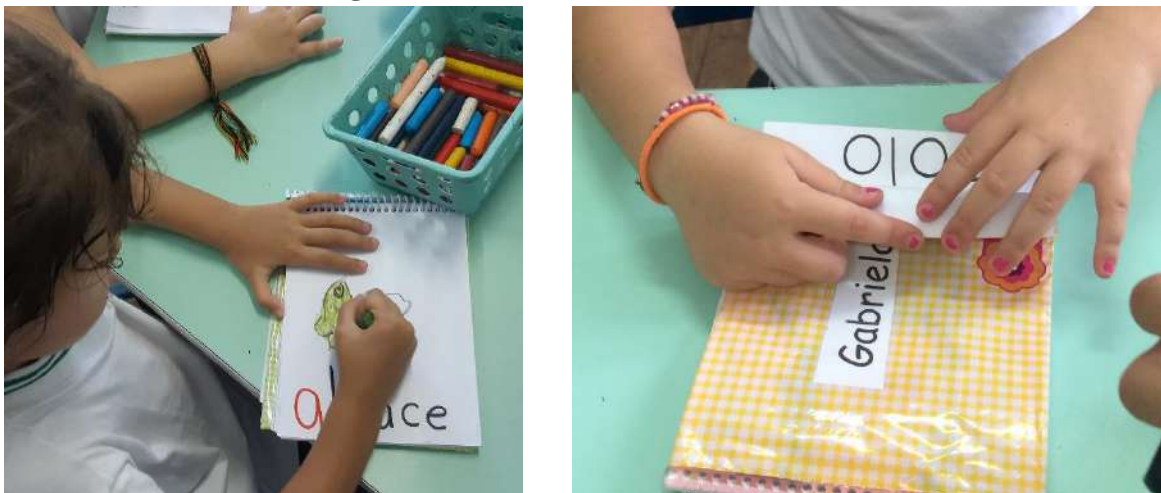
Figura V – Ações lançadas no ano



Fonte: acervo pessoal da autora

Por fim, assim que a palavra ou ação é lançada no Vocabulário Básico da turma, cada aluno faz o próprio registro (ilustração) no caderno de vocabulário, esse é utilizado como apoio individual para futuros estudos e atividades.

Figura VI – Caderno do Vocabulário Básico



Fonte: acervo pessoal da autora

As crianças são estimuladas a fazer o reconhecimento global dessas palavras de várias

formas, sejam elas soltas ou em frases escritas pela professora no pré-livro.

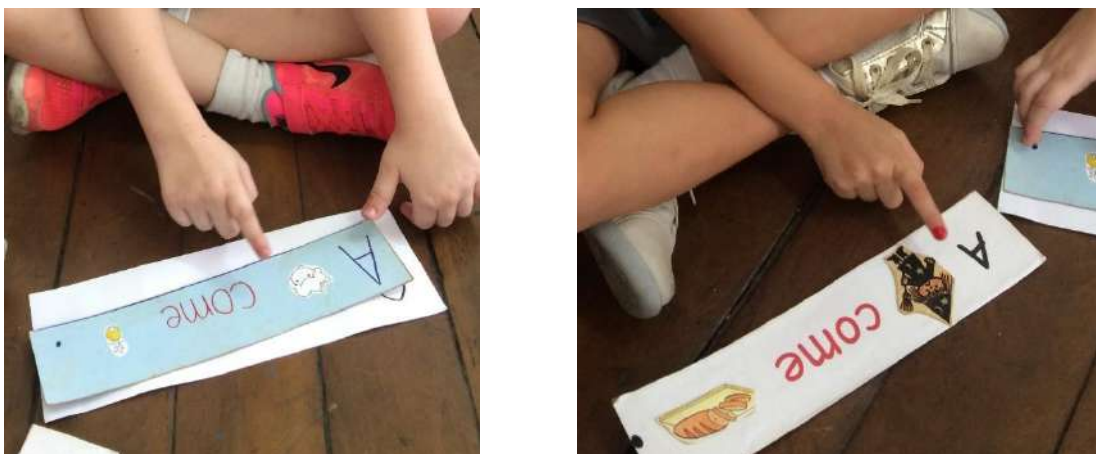
Figura VII – Reconhecimento global



Fonte: acervo pessoal da autora

A Escrita Ideográfica é uma das formas mais antigas de comunicação, que consiste em um sistema de escrita representada por símbolos ou desenhos, os ideogramas, que representavam a fala das pessoas. Dentro do Método Natural, a Leitura Ideográfica é um recurso utilizado para a fixação das ações lançadas, no contexto de frases. O professor, então prepara fichas de leitura, nas quais o destaque é para o verbo junto de figuras, e o aluno fará a leitura da frase, segundo a sua interpretação das imagens, como é possível observar na imagem a seguir.

Figura VIII - Leitura Ideográfica



Fonte: acervo pessoal da autora

Analisando a extensão do vocabulário e as ações que vão sendo lançadas os alunos são estimulados a formar frases com as palavras conhecidas, incluindo os nomes dos colegas. Essa etapa do método tem um papel fundamental, pois é com essas construções frasais

simples que os indivíduos compreendem que sua fala tem uma forma escrita, e incorporam os valores das regras gramaticais simples, como o uso da letra maiúscula e minúscula e a pontuação.

Figura IX - Construção de frases simples



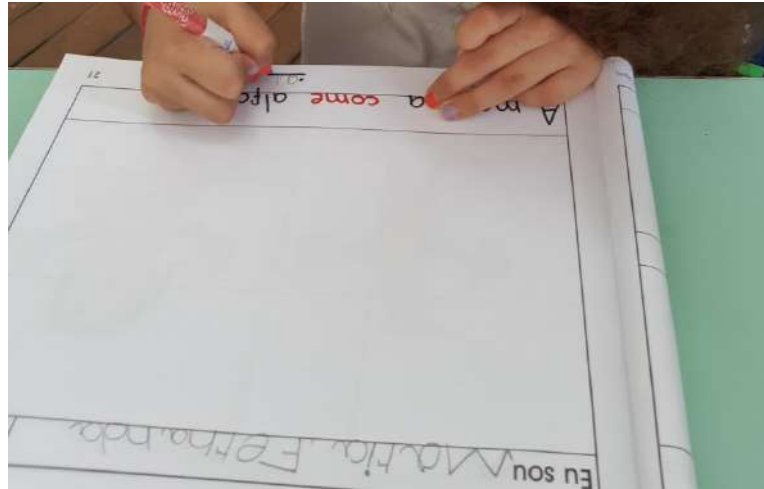
Fonte: acervo pessoal da autora

No Método Natural estimula-se a leitura de textos e frases feitos com as palavras conhecidas, não apenas o reconhecimento de palavras isoladas. É de importância capital para o educador aprender a compor textos de qualidade, para fornecer a seus alunos, diariamente. A ênfase do processo é dada à compreensão do texto e à formação das habilidades específicas. (Rizzo 1988, p.71).

Quando o Vocabulário Básico está completo, com todos os fonemas, é que começamos o processo de escrita com autonomia. Até aqui os alunos são estimulados a escrita do próprio nome e ao reconhecimento das palavras, ações e frases.

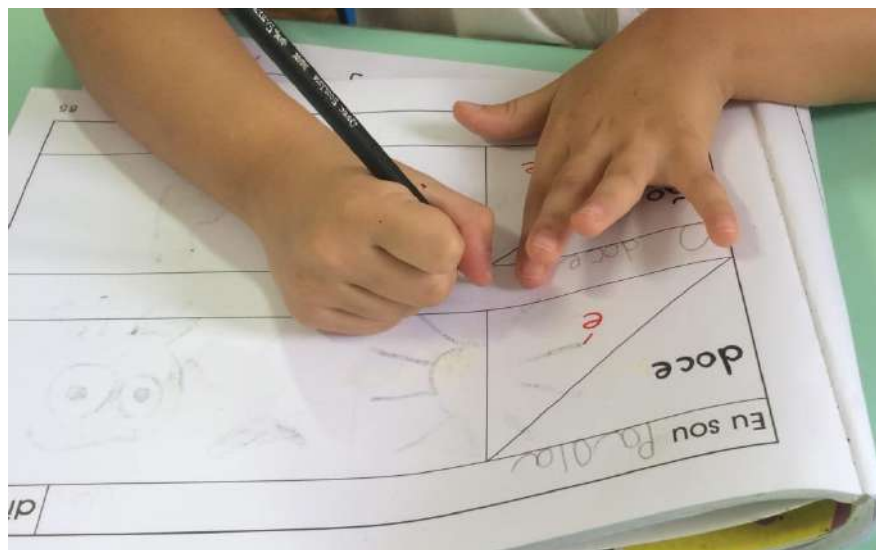
Em minha prática faço esse processo de escrita concomitantemente ao processo de pré-leitura. Conforme faço o lançamento de uma palavra, também estimo as crianças a fazer a escrita de frases simples com as palavras do vocabulário. Embora pelo método natural eu esteja com isso adiantando uma etapa, já que a criança precisa estar focada na ‘memorização’ das palavras, nas minhas turmas a união dos processos funciona de forma efetiva e observo que quando passo para a etapa seguinte, que é a escrita com autonomia, as crianças já estão mais seguras para escrever.

Figura X – Cópia da palavra lançada: *alface*



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura XI – Escrita com autonomia de frases e pequenos textos



Fonte: acervo pessoal da autora

É nesse processo de pré-leitura que a metodologia propõe que o professor faça pequenos textos, formados com até três sentenças e as palavras do vocabulário básico, para que o aluno pratique a leitura seguida da ilustração do que foi compreendido. Esse procedimento é importante não só para a fixação das palavras, mas para que a criança perceba a estruturação de um texto (começo, meio, fim), compreenda as regras gramaticais e desenvolva o prazer pela leitura, já que por serem palavras da sua realidade diária a leitura ficará mais fluida e prazerosa.

Figura XII – Leitura de pequeno texto



Fonte: acervo pessoal da autora

Depois que o aluno já demonstra ser capaz de ler com compreensão os pequenos textos e reconhece prontamente as palavras em diferentes contextos, é chegada a hora do segundo momento do processo de alfabetização proposto pelo método natural de Gilda Rizzo: a preguicinha, que nada mais é do que a leitura lenta de novas palavras.

Nesse momento o método fônico é de suma importância, já que para realizar a “preguicinha” é necessário que a criança saiba a relação entre fonema e grafema, ou seja, que cada letra tem um som e que a junção desses sons formam as palavras, estimulando o estudante a perceber semelhanças entre os valores sonoros e as letras. O aluno constrói os esquemas cognitivos que permitirão a compreensão da leitura e da escrita. Rizzo (1988 p.111) define que:

O objetivo da análise estrutural é levá-los a associar cada som ao seu ou seus sinais gráficos correspondentes, sem romper o todo audiovisual da palavra. Está descoberta é, para muitos, o suficiente para começarem a ler qualquer palavra, porque conseguem transferir este conhecimento do som das letras para novas situações e, então, começam, realmente, a ler.

Figura XIII – Preguicinha

Fonte: acervo pessoal da autora

O processo de leitura por meio da “preguicinha” permite que na escrita o aluno tenha mais autonomia, explorando a leitura de palavras de fora do vocabulário básico, porém percebo na minha prática que a sistematização do método acaba por engessar as crianças nesse processo de construção frasal se limitando as palavras e ações do vocabulário. Sinto que apesar de já estarem se aventurando na leitura de novas palavras, na hora da escrita, ou até mesmo da oralidade, os alunos ainda ficam presos a organização que o método propõe de construção. A título de exemplo: No começo do ano quando peço que façam desenho livre para depois me contarem a história, para registro escrito, estas tendem a ser elaboradas e criativas. Depois de algum tempo trabalhando na estrutura frasal proposta pelo método as histórias que antes eram elaboradas se tornam sistemáticas.

Acredito que como a “preguicinha” nas turmas de pré-alfabetização acontece no segundo semestre, as crianças passam muito tempo formando frases dentro da estrutura proposta e só com as palavras estudadas, se acomodando a essa formatação.

2.3 O Papel do Educador junto ao Método Natural

Considerando, os olhares e a compreensão do processo de alfabetização dentro do Método Natural e como a criança aprende, buscamos entender o papel do professor e suas ações pedagógicas de forma específica, analisando a perspectiva do letramento junto a esse processo de alfabetização proposto pelo método natural.

Sabe-se que o papel do professor passou por muitas mudanças ao longo dos anos, o professor contemporâneo, dentro da nova perspectiva da educação, compreende que o aluno é protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem e faz uso de novos recursos e atividades pedagógicas que acompanhem seu alunado, se tornando intercessor do ensino.

Paulo Freire (2015, p.184) defendia a filosofia de que o aluno deve ser o foco do processo de ensino e da aprendizagem, tendo o professor como mediador “Os educadores devem desenvolver estruturas pedagógicas radicais que propiciem aos alunos a oportunidade de utilizar sua própria realidade como base para alfabetização”.

Da mesma forma que Freire defendia a participação efetiva do educando e seu cotidiano na construção do conhecimento no processo de alfabetização, vimos no capítulo anterior que o método natural, que tem como referência teórica Freinet, busca também ter o aluno como foco do seu processo de ensino e aprendizagem. O método natural se faz participativo quando busca as vivências e experiências das crianças para propor temas a serem estudados/pesquisados, ou quando permite que, de forma democrática, os alunos escolham as palavras que vão construir o vocabulário básico da turma.

Para Rizzo (1987), o método natural tem como princípio a educação para a democracia, ou seja, uma escola que rompa com o modelo convencional de educação e substitua suas formas de educar, prezando pelo desenvolvimento de cada aluno e suas particularidades, proporcionando um ambiente lúdico e estimulante, além de experiências enriquecedoras para a construção do pensamento crítico, uma escola que seja voltada para o ser humano e seu aperfeiçoamento. No método natural o professor tem o papel fundamental e precisa ser:

[...] líder orientador do processo, responsável pela garantia dos direitos de cada aluno seu e de todos, que deverão, sob sua liderança, estabelecer e alterar, se necessário, as regras de convivência nesse espaço-escola natural seu. O respeito a esse direito é a base essencial da escola democrática. (RIZZO, 1987, p.31)

O educador deve ser um líder que preze pela organização do espaço e que estimule o desenvolvimento pleno de seus alunos, incluindo atividades coletivas que proporcionem o desenvolvimento social do grupo de forma colaborativa e respeitosa. Em sua visão Rizzo (1987, p.49), destaca: “O educador democrático reúne o seu grupo quantas vezes for necessário para planos, avaliações, demonstrações, troca de ideias e libera o seu grupo, incentivando os alunos a trabalharem por conta própria, sozinhos ou em grupo”.

O professor deixa de ser o detentor do saber e passar a ser um facilitador do conhecimento, aquele que mostra caminhos e ajuda no processo, mas quem será o foco dessa construção do conhecimento é o aluno. Dessa forma o professor precisa manter-se atualizado, ser um profissional que estuda e pesquisa, dialogando com as diferentes áreas de conhecimento, reconhecendo e trabalhando com a diversidade.

Para Freinet (1979) a criança aprende pela experiência com o meio, na sua relação

com o mundo e com as pessoas, um simples experimento deixa uma marca permanente e é por meio desses experimentos que ela constrói o seu conhecimento, logo é importante saber que o professor no método natural, propicia esses experimentos de forma espontânea e livre. Ainda, para o pedagogo francês a criança precisa ser vista e respeitada como parte da construção do conhecimento, por meio de atividades criativas, organizadas e úteis, tendo como resultado a formação de cidadãos cooperativos e com autonomia.

Embora o método natural busque autonomia e democratização na construção do conhecimento, percebo na minha experiência com essa metodologia que propor passos pré-determinados se torna um método pouco flexível para a reflexão do letramento.

Na metodologia de alfabetização natural o professor cumpre o papel de facilitador, sendo ele o responsável por proporcionar e oferecer diferentes estímulos e atividades significativas e lúdicas ao educando. Para Rizzo (1988, p.76) “Grande parte da aprendizagem pelo Método Natural é estimulada por atividades lúdicas, que podem ser realizadas em grupos grandes ou pequenos, ou até mesmo individualmente”.

O trabalho com atividades diversificadas, na minha experiência, faz muita diferença para explorar as individualidades de cada aluno. É preciso pensar que cada criança tem suas particularidades e limitações e para mim esse é um ponto forte do método, já que nos permite – enquanto educadores – trabalhar as dificuldades e explorar as capacidades individuais.

Acredito que, apesar do passo a passo da metodologia para a alfabetização, que limita a sua flexibilidade, tenho liberdade na minha prática para criar, desenvolver e buscar novos caminhos para trabalhar com as crianças, buscando alcançar e respeitar suas particularidades.

O professor poderá criar essas atividades, jogos e brincadeiras e, ao realizá-las, elaborando jogos que estimulem a leitura e a escrita, se torna necessário pensar em qual momento o grupo está e quais as melhores opções de jogos cognitivos que o professor pode oferecer. São os chamados jogos de escolaridade, que tem como finalidade fixar o vocabulário da turma, aprimorar a consciência fonológica (grafemas e fonemas) e desenvolver o senso de pertencimento social, respeitando as regras de convivência e do jogo. A seguir algumas ideias de jogos de escolaridade.

Figura XIV – Associação de grafemas a imagens (consciência fonológica)



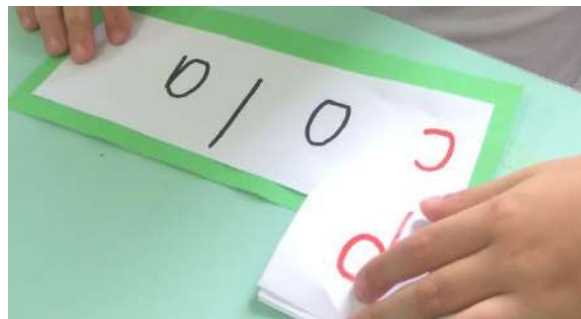
Fonte: acervo pessoal da autora

Figura XV – Construção de frases usando imagens e palavras do vocabulário (organização da escrita)



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura XVI – Tirinhas de leitura (compreensão de que ao trocar uma letra será formada uma nova palavra)



Fonte: acervo pessoal da autora

Buscando compreender a questão do letramento no método natural, tem-se como base o esclarecimento de Magda Soares de que é aprendizagem das funções sociais da língua escrita, e em sua prática o professor deve oferecer aos alunos diferentes gêneros textuais,

desde os mais básicos até os mais complexos. Cabe ao educador oferecer e estimular a busca pelo conhecimento e pelo prazer da leitura, fazendo com que o educando se torne não só alfabetizado (decodificar o sistema alfabético), mas sim letrado perante a sociedade no qual vive, sendo um ser responsável, crítico e ativo.

No cotidiano do método natural esta ação pode ser observada pelos alunos quando o professor está escrevendo um bilhete, ou registra o que cada um falou nos momentos de rodinha, ou nos momentos em que o professor propõe a construção de história coletiva.

Sendo assim o papel e a participação do professor no método natural se faz muito necessária, já que será ele o responsável pelo letramento de seus alunos. Em minha sala de aula tenho bastante liberdade para as minhas práticas, dessa forma (e entendendo a importância de alfabetizar e letrar), faço com que meus alunos sejam expostos a diferentes gêneros textuais e exploro com eles a função social de cada. Citando caso parecido, quando vamos fazer uma oficina culinária, apresento primeiro a receita e juntos analisamos seus elementos, discutindo sobre a sua função social ensinar como cozinhar alguma coisa.

No cantinho da leitura eles têm acesso a livros com diferentes propostas, histórias em quadrinhos, livros com escrita e livros sem palavras. Dessa maneira, e sabendo do limite do método natural em relação ao letramento, creio que o caminho seja a prática do professor. Como anteriormente dito, a metodologia natural apesar de buscar uma inovação nas formas de alfabetizar, ele acaba tendo vários processos mecânicos, que não permitem a flexibilidade.

Figura XVII – Cantinho da Leitura



Fonte: acervo pessoal da autora

Minha maior insatisfação com o método é no momento de escrita com autonomia, pois percebo que, por ficarem tanto tempo em um processo de repetição na formação de frases e

textos, as crianças tendem a não ampliar seu vocabulário, conseqüentemente a sua escrita. De forma lúdica tento mostrar que é possível que eles criem seus próprios textos sem estarem presos ao Vocabulário Básico.

A alfabetização no método natural acontece de forma lenta, gradual e significativa para o aluno, que é parte interessada e protagonista no processo, porém foi possível concluir que o método tem como objetivo a alfabetização, não se preocupando com o letramento, que segundo Soares (2004) é compreender as diferentes funções, e formas da escrita e seus usos. Desse modo, apesar de acreditar na funcionalidade do método natural para a alfabetização é preciso pensar na sua limitação em relação ao letramento.

Nesse sentido, é imprescindível o papel do professor no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem do educando dentro do Método Natural na ampliação de sua perspectiva de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a pensar sobre um tema para escrever minha monografia, acreditava que precisava fazer um trabalho impecável e que fosse ser revolucionário na área da educação. Muitas questões me passaram a cabeça, mas foi quando eu percebi que o trabalho deveria ser, primeiramente, importante para mim que tudo fez sentido. De que faria sentido escrever sobre um assunto que não me despertava o interesse pela pesquisa. Eu já trabalhava com o método natural de alfabetização e essa questão do letramento já era um incômodo, mas demorei muito tempo a aceitar que, apesar de funcional, o método tinha suas limitações.

No começo da pesquisa estava convicta de que precisava provar a existência do letramento dentro do método de alfabetização natural, o que se provou o contrario, que eu poderia continuar acreditando na sua eficácia mesmo sem o letramento.

Ao fim deste trabalho, pode-se concluir que a pesquisa realizada ampliou meu conhecimento a respeito do Método Natural, com embasamento na autora Gilda Rizzo.

O estudo feito forneceu importantes informações para entender como se dá o processo de alfabetização junto ao método, a partir da perspectiva do letramento. Para tal, foi aprofundado um estudo do passo a passo do processo de alfabetização na metodologia natural.

Segundo Magda Soares (2017) a alfabetização e letramento devem caminhar concomitantemente, e ser letrado é saber fazer uso das funções sociais da língua, portanto, é necessário não só ser alfabetizado, mas também se tornar letrado para alcançar os objetivos na comunicação social, oral e escrita. Conforme foi concluído, o Método Natural é um processo de alfabetização sistemático, funcional e participativo, porém não alcança os objetivos para o letramento.

O método natural pode ser considerado um método misto de alfabetização, já que utiliza o reconhecimento global da palavra e ao mesmo tempo foca nos sons das letras, método fônico. Ambos os métodos, da palavração e o fônico, são efetivos e foram importantes para a construção da história da alfabetização, porém os dois são voltados para a codificação e decodificação do sistema alfabético.

Foi possível aprender que o papel do professor dentro do método natural é de extrema importância, já que é por meio de suas ações pedagógicas e da sua sensibilidade, sabendo respeitar o tempo de cada indivíduo, que esse momento se torna significativo. É por meio das escolhas do educador e das propostas que leva para a sala de aula que podemos concluir que é possível trazer a perspectiva do letramento desde o início da alfabetização, mesmo antes da

criança estar alfabetizada.

Para minha experiência com o método, esta monografia me ajudou a repensar minhas práticas e futuras ações em sala em busca do letramento para com meus alunos, assim como compreender que o método natural de alfabetização tem suas limitações e que não há um método perfeito, mas que é preciso explorar as possibilidades buscando o melhor para cada criança.

Dessa forma, o presente trabalho traz uma contribuição, principalmente pelo fato do Método Natural não ser tão difundido no Brasil, e para a reflexão sobre a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem das crianças em idade escolar de alfabetização, levando em conta quem realmente importa: o aluno.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor** /- Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Método natural/ método Freinet/ método de linguagem integral**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/metodo-natural-metodo-freinet-metodo-de-linguagem-integral>
- FREINET, Célestin. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet**. Tradução Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FREINET, Célestin.. **O método natural**. Lisboa: Estampa, 1977. v.1
- FREINET, Célestin.. **O Método Natural II: A aprendizagem do Desenho**. Lisboa, Estampa, 1977.
- FREIRE, Paulo. **1921 – 1997 : Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra/** Paulo Freire, Donald Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 7ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015
- MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Percursos Históricos dos Métodos de Alfabetização**. 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40137>
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2000.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.
- RIZZO, Gilda. **Estudo comparativo Petrópolis dos métodos de ensino da leitura e da escrita**. 4 ed. Rio de Janeiro: Papelaria América Editora, 1986.
- RIZZO, Gilda. **A Escola Natural – Uma Escola para Democracia** / Gilda Rizzo – Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1987
- RIZZO, Gilda. **Alfabetização Natural** / Gilda Rizzo – Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1988

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização**, 1999 – Texto originalmente publicado no livro *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 1998.

SOARES, Magda.. **Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. Revista Pátio, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004^a

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SOARES, Magda. **Documentário Alfalettrar**. Publicado no canal do Youtube da Nova Escola, 2017.